

Nº 2 - Agosto / 96

REUNA

Revista de Economia da UNA

RIQUEZA DAS NAÇÕES

O Best-seller que Marcou
a Cultura Econômica Mundial

A QUALIDADE DA GESTÃO
Desempenho para Produzir Resultados

GLOBALIZAÇÃO
Nem Vilã, nem Salvadora da Pátria

33(05)

Título: REUNA : Revista de Economia da
UNA.



100975
68944

n.2, ago. 1996 UNA BR

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pela Biblioteca "Rosemeire de Fátima Machado" da UNA
Fátima Falci - Bibliotecária - CRB/6 - n° 700)

33 (05) Reúna – Revista de Economia da UNA, v.1 – , n.2, jun. 1996.
Belo Horizonte: UNA Ciências Gerenciais; Faculdade de
Ciências Gerenciais da UNA, 1996.

Semestral
ISSN:

1. Economia - Periódicos. I. UNA Ciências Gerenciais - Periódicos.
II. Faculdade de Ciências Gerenciais da UNA - Periódicos.
CDU - 33(05)

Expediente

Reuna - Revista de Economia da UNA – Ciências Gerenciais

Presidente – Aloísio Garcia

Diretor Fundador – Honório Tomelin

Diretor FCG/UNA – João Gomes Filho

Coordenação Editorial – A. Ferreira Carvalho

Editor Responsável – A. Ferreira Carvalho

Criação, Editoração e Arte – Artes Gráficas Siracusa Ltda. e Armazém de Idéias Ltda.

Impressão e Acabamento – Artes Gráficas Siracusa Ltda.

*TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. REPRODUÇÃO DE QUALQUER
TEXTO PERMITIDA, DESDE QUE CITADA A FONTE.*

Editorial



Carlos Maurício de Carvalho Ferreira*, autor.

É um privilégio, sempre, a oportunidade de traduzir, na abertura de uma Revista, as motivações, os anseios e os pontos de vista dos seus editores e articulistas. Sinto-me distinguido pela direção desta laboriosa e qualificada instituição de ensino que é a UNA, bem como à vontade para dirigir-me

aos leitores da *Reuna*, neste editorial. Este é meu sentimento, acrescido da honra de ter participado com os professores do Departamento de Economia na concepção do curso de Ciências Econômicas e, assim, ter apreendido junto à direção da Casa seus *Princípios Fundamentais*. Esta é, também, uma oportunidade ímpar para dirigir aos meus colegas da UNA e aos alunos, particularmente aos formandos da primeira turma de Ciências Econômicas, uma breve reflexão sobre os caminhos dessa ciência desafiante, que desautoriza, a cada momento, todos aqueles que se julgam seus luminares e que perderam a percepção histórica, institucional e humanista.

Esta edição é aberta com uma reflexão sobre os duzentos e vinte anos da obra seminal de Adam Smith, *A Riqueza das Nações*, não apenas como uma homenagem ao grande pensador e cientista social, mas, também, como um apelo à importância fundamental da concepção abrangente da economia política.

No âmbito filosófico, mais do que nunca, os objetivos e valores da economia política transcendem o *Jardim* de Epicuro, no qual deveriam se reunir os bons e fiéis amigos à busca de um leme para a travessia segura do mar encapelado da nossa existência, para a ética na "polis", na "cidade", onde prevalece o antagonismo político, o conflito de interesses, e essa busca inclui, agora, o compromisso com a liberdade individual, a transparência e a luta contra a arbitrariedade. É por estas razões que se discute nesta edição a importante contribuição de Norberto Bobbio, teórico da Política e do Direito.

A economia se inclina hoje, tanto na sua vertente acadêmica quanto na sua vertente profissional aplicada, para a valorização da análise e da política macroeconômica conjuntural, em detrimento da visão maior da luta por sociedades mais eficientes, porém justas e sustentáveis, como condição *sine qua non* da sobrevivência das espécies na Terra. O consagrado professor romeno Nicholas Georgescu-Roegen, tão pouco conhecido dos novéis economistas, nos seus brilhantes artigos *A Lei da Entropia e o Processo Econômico* e *Desigualdade, Limites e Crescimento de um Ponto de Vista Bioeconômico*¹, enfatiza, com uma visão ricardiana, que mesmo a inovação tecnológica não é capaz de superar os limites do crescimento econômico, uma vez que quanto mais produtivas forem as economias nacionais, mais rapidamente poderíamos estar próximos dos limites do crescimento econômico mundial.

Além dessas perspectivas conceituais, falta cada vez mais aos economistas o sentido da história como uma construção humana. Nessa edição da *Reuna* esta mensagem é contemplada na reflexão da integração econômica como um processo histórico construído e não, apenas, fortuito.

de Harvard, radicado nos Estados Unidos, Alexander Gerschenkron, do qual tive o privilégio de ser aluno, escreveu uma obra seminal denominada *O Atraso Econômico em uma Perspectiva Histórica*,² datada de 1962, contestando a linearidade das etapas econômicas de W.W. Rostov³, e insistindo na tese da impossibilidade de se generalizar a experiência histórica, que é única para cada país.

Os países economicamente mais adiantados constituem um espelho para os demais, cujas experiências são particulares e, pelo mero fato de serem menos desenvolvidos, podem diferir, fundamentalmente, em muitos e importantes aspectos, daquelas seguidas pelos países mais avançados. Estas diferenças não se referem apenas ao ritmo do crescimento industrial mas, também, à própria estrutura industrial nascente e institucional. Ainda mais, arremata o professor, o clima intelectual no qual ocorre essa industrialização, seu “espírito” ou “ideologia”, difere consideravelmente entre ambos os grupos de países.

Esta lição do mestre destrói o simplismo e o mimetismo de muitas análises econômicas em um contexto de globalização das economias mundiais e remete à reflexão sobre a necessidade de entendimento profundo das circunstâncias e peculiaridades nacionais, em direção contrária ao descuido, à cândida

ingenuidade e à irresponsabilidade da ideologia do internacionalismo afoito.

O desenvolvimento acadêmico das ciências econômicas aponta para novos horizontes nascidos das contribuições dos métodos quantitativos: estatística, econometria, teoria dos jogos e modelos matemáticos dinâmicos não-lineares. Neste contexto, surge a contribuição metodológica promissora da teoria matemática do caos. *Caos*, aqui, não significa desordem, mas comportamentos peculiares de fenômenos de massa ou de fenômenos que não se submetem a trajetórias previsíveis, embora com movimentos aleatórios cíclicos ou oscilantes, em intervalos predeterminados⁴.

Esta imprevisibilidade das trajetórias das variáveis é característica comum dos fenômenos sócio-econômicos e traz a lume a complexidade desses fenômenos, vistos pelos incautos como transparentes, autoexplicáveis e claramente estabelecidos.

É, pois, este sentido do inacabado da construção histórica, da relativa imprevisibilidade dos fenômenos sócio-econômicos, da inseparabilidade das dimensões macro-econômicas e microeconômicas, que constitui a *anima* da busca científica, acadêmica e técnica, e é a força que se esconde por detrás de mais essa publicação da Revista de Economia da UNA.

* Superintendente do IPAT/UNA

1 Georgescu-Roegen, Nicholas. *The Entropy Law and the Economic Process*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1971; *Inequality, Limits and Growth from Bioeconomic Viewpoint*. Review of Social Economy, 35, December, 1977; *Analytical Economics*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1966.

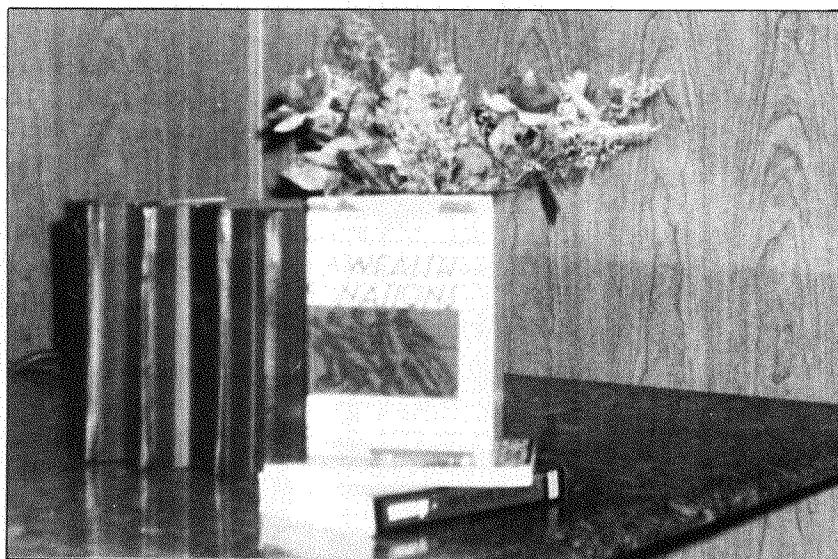
2 Gerschenkron, Alexander. *El Atraso Económico en su Perspectiva Histórica*. Ediciones Ariel, Barcelona, España, 1968.

3 Rostow, W.W. *Etapas do Desenvolvimento Econômico*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, Brasil, 1961.

4 Gleick, James. *Caos - A Criação de uma Nova Ciência*. Editora Campus, São Paulo, Brasil, 1990.

Aguirre, Luis A & Aguirre, Antônio. *A Tutorial Introduction to Nonlinear Dynamics in Economics*. CEDEPLAR, FACE, UFMG, Belo Horizonte, Brasil, 1995.

Leia neste número



O Terceiro Século de *Riqueza das Nações*

Após 220 anos da obra de Adam Smith, o professor Renato Caporali fala da influência desse livro, que foi o ponto de partida da Ciência Econômica, funcionando como um manual básico para a primeira geração de economistas – Malthus, Say e Ricardo.

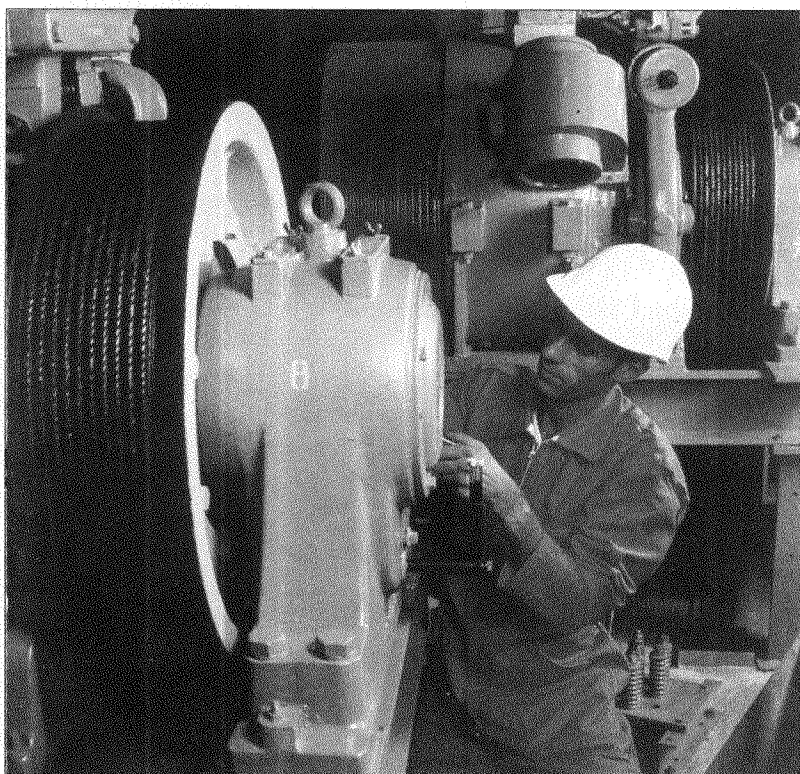
Pag. 12

Encargos Sociais: a flexibilização necessária

Um trabalho desenvolvido pela Assessoria Jurídica da FIEMG revela o grande ônus gerado pelos encargos sociais no Brasil, tanto para trabalhadores como para empregadores.

O artigo do professor Ivo Villani analisa os gastos totais de uma empresa com a mão-de-obra.

Pag. 18



Países Emergentes no Contexto dos Mercados Financeiros Globais

“Novos Riscos” nascidos das mudanças nas características do Capital que está se dirigindo para os mercados emergentes são, de fato, riscos antigos com uma nova feição. São inevitáveis outras Crises, e as exortações recentes para a criação de um novo sistema de alarme preventivo são inúteis.

O artigo de Georg Jung, analista do “Corporate Economic Services”, Swiss Bank Corporation é traduzido pelo professor Carlos Maurício, superintendente do IPAT/UNA.

Pag. 23



A Integração como Processo Histórico Construído

Se nos primeiros anos após a Segunda Guerra Mundial, o desenvolvimento econômico, particularmente dos países latino-americanos, apoiado na industrialização através da substituição de importações, encontrou como obstáculos os pequenos mercados internos, o que hoje vislumbramos é a experiência recente de integração, na América Latina e no Caribe, buscando agora, ampliar o mercado regional.

No artigo do Diretor da UNA, Honório Tomelin, a análise dos períodos que construíram o estreitamento das relações econômicas entre a América Latina e o Caribe.

Pag. 44

Sumário

- Apresentação 9
- Carta de Princípios 10
- Artigos:
 - O Terceiro Século de *A Riqueza das Nações*
Renato Caporali 12
 - Encargos Sociais
Ivo Villani Marques 18
 - Países de Mercados Emergentes no Contexto dos Mercados
Financeiros Globais
Georg Jung 23
 - Norberto Bobbio, o Socialismo, o Liberalismo e a Democracia
Carlos Vasconcelos Rocha 28
 - A Qualidade da Gestão Determina a Eficácia de Resultados
Carlos Eduardo Melloni 36
 - A Integração como Processo Histórico Construído
Honório Tomelin 44
- Comentários:
 - Informações sobre Minas Gerais e as Exportações de Produtos
Mineiros para o Exterior
Benjamim Grynberg 48
 - Banco Central Independente: Eis a Questão
Eduardo Amat Silva 54
 - Securitização
Juliano Lima Pinheiro 56
 - Dilemas da Globalização
Geraldo Guilherme de Oliveira 59

Apresentação

Os 220 anos da “Riqueza das Nações” de Adam Smith (título completo da obra: *An Inquiry into the nature and causes of the wealth of nations* – 1ª edição – março de 1776) coincidem com o sucesso de sua filosofia em favor do livre comércio e da concorrência.

As causas do sucesso do Capitalismo se resumem em duas regras maiores anunciadas em 1776 por Adam Smith. Ei-las:

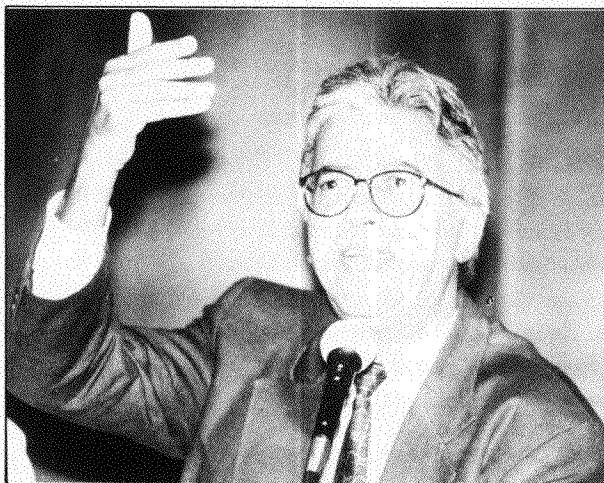
1ª) Na ordem econômica, é melhor confiar na “mão invisível” agindo por meio de uma grande quantidade de escolhas individuais do que na mão visível, inepta e rapinante do Estado. Para o precursor da Economia de Livre Mercado, a riqueza de uma nação resulta do diligente empenho de cada um em seus próprios interesses.

Ao defendê-los, o indivíduo serve ao interesse público. A maneira como se faz esse salto fica por conta da mão invisível. Aí está, na opinião do grande escocês, o extraordinário, o notável sobre a riqueza produzida por uma economia de mercado.

2ª) O livre comércio entre as nações é preferível à autarquia e ao protecionismo. A liberdade das trocas comerciais, a abolição de tarifas alfandegárias são exigências para o comércio em mercados livres. Mesmo criando dificuldades para alguns produtores, o comércio inter-

nacional beneficia, em última análise, o consumidor.

Tenho para mim que o mais que o mais belo elogio às idéias de Adam Smith foi feito pela História, pois os fatos deram-lhe razão. Haja vista o projeto neoliberal vigente como opção no mundo de economia globalizada.



Claro que o capitalismo não é invulnerável. Ele não pode resolver todos os problemas das sociedades modernas. A mão invisível não conseguiu reduzir a pobreza no mundo; a desigualdade entre ricos e pobres, hoje mais saliente; a taxa de desemprego, crescente.

Isto sem falar no número de pessoas reprovadas pelo sistema e que não podem ser socorridas e protegidas senão pela solidariedade pública.

Assim, o capitalismo não pode passar sem a política, uma vez que é preciso equilibrar o crescimento econômico com sua contrapartida social. Os critérios estritamente econômicos

devem ser compensados, agora, pelos mais importantes de alcance social. Urge, pois, ter e prestigiar os políticos, aqui entendidos como reais servidores do bem público.

A propósito, cabe aqui a advertência de Federico Mayor, Diretor Geral da UNESCO, colhida ao ler-lhe o discurso proferido no II Fórum “Visão Iberoamericana 2000”, na Colômbia, e, 1994: “Amiúde, tendemos a esquecer que por trás dos indicadores econômicos, por trás do controle da inflação e da redução dos gastos públicos, por trás dos sacrifícios impostos aos trabalhadores e aos produtores, por trás de medidas uniformes para circunstâncias com frequência bem diferentes, existem seres humanos: homens, mulheres e crianças que vivem em condições de grande precariedade. São eles a divisa humana em que às vezes ajustamos as contas.”

Ao lembrar os 220 anos da “Riqueza das Nações” de Adam Smith, obra que o definiu como economista, é bom saber que ela foi precedida por outra, intitulada “A Teoria dos Sentimentos Morais”. Mais ainda: Adam Smith foi professor de Filosofia Moral da Universidade de Glasgow.

Prof. João Gomes Filho
Professor Titular de História
Econômica
Diretor da FCG/UNA

Carta de Princípios

A UNA, instituição civil, propõe-se, como Entidade Mantenedora de estabelecimento de ensino superior: ser agente de aprimoramento do HOMEM em formação universitária e manter-se em alerta através da educação permanente. Nessa dimensão, atua na área de Ciências Gerenciais e mantém a Faculdade de Ciências Gerenciais, com os cursos de Administração de Empresas, Comércio Exterior, Ciências Contábeis, Tecnologia em Processamento de Dados, Ciências Econômicas e Administração de Sistemas de Informação, além dos cursos de aperfeiçoamento, especialização e extensão através do CEPEDERH.

Para melhor explicar a sua filosofia, a UNA considera oportuno definir os valores e objetivos que devem nortear os cursos por ela mantidos, em consonância com os interesses nacionais permanentes.

Afirma, de início, sua integral adesão aos princípios da livre empresa e da livre iniciativa, ao mesmo tempo em que enfatiza a valorização

atividades da microeconomia, sem desvinculá-las, porém, das atividades da macroeconomia, como a forma mais apropriada de fortalecimento econômico da Pátria.

Considera como elemento essencial ao desenvolvimento da livre iniciativa o clima de ampla liberdade democrática, pelo que define, como núcleo da atividade educacional de seus cursos, a educação para a liberdade e para o serviço à comunidade.

Quanto a seus cursos de Ciências Gerenciais, entende que:

- a formação do bacharel ou do profissional em Ciências Gerenciais não é o único objetivo;*
- aspira à formação de profissionais aptos ao governo empresarial, autênticos "tomadores de decisão";*
- por consequência, seus cursos devem criar oportunidades para que surjam e se aperfeiçoem vocações para a liderança, formando reais "motivadores de desempenho e agentes modificadores da realidade social".*



Assim, ministrando um curso profissional, seu objetivo transcende o da simples formação profissional, para:

- *visar à formação integral do educando como HOMEM;*
- *instrumentalizá-lo não apenas como um especialista, mas, sobretudo, como um ser pensante;*
- *inserir-lo numa visão ética da profissão, habituando-o a subordinar a eficiência do desempenho do profissional aos valores permanentes da VERDADE e do BEM COMUM, e capacitando-o a perceber que, acima de seu compromisso com a empresa, está o interesse social, cabendo-lhe, como agente de transformação, colocar a empresa nessa perspectiva.*

Entende, ainda, a UNA que a organização pedagógica de seus cursos, embora da competência exclusiva da instituição mantida, deve se ajustar aos valores, objetivos e filosofia aqui definidos.

E quanto à organização curricular, que deve decorrer das decisões dos colegiados competentes do curso, julga que:

- *se o objetivo é a formação integral do educando, é imprescindível que haja integração entre os programas das disciplinas que compõem o currículo;*
- *se o objetivo é a formação integral do educando, a organização curricular há de considerar também o diagnóstico do nível de formação intelectual do estudante que ingressa na UNA, promovendo formas de suprimento das deficiências constatadas;*
- *se o objetivo é a formação integral do educando são importantes as disciplinas da área profissionalizante e as de aprimoramento cultural; se o objetivo é a formação integral do educando, é essencial que o professor, que atua no curso, se identifique com os valores que norteiam a filosofia educacional da UNA.*

